

OS DESAFIOS E PROCESSOS QUE O PSICOPEDAGOGO ENFRENTA NAS ESCOLAS DO ENSINO FUNDAMENTAL

TOSTES, Eliana Aparecida Trevisan¹

BELLAN, Melissa²

GURNHAK, Leo Teodoro³

SILVA, Vera Lúcia Massoni Xavier da⁴

Resumo

O objetivo deste estudo é conhecer os desafios e os processos que o psicopedagogo enfrenta na escola para auxiliar os alunos com dificuldades de aprendizagem. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. O psicopedagogo poderia estar nas escolas a maioria das unidades educacionais não possui este profissional e a escola que tem esse profissional, lhe dá atividades que compreendem alguns desafios e processos na escola para atender esses alunos e suas famílias. Dessa forma, o psicopedagogo deve se preparar para encarar esses desafios e os processos de ensino aprendizagem com alunos que tem dificuldades de aprendizagem, que apesar de serem um problema no primeiro momento, também traz uma experiência à esse profissional, que vai aprender a driblar os desafios na escola.

Palavras-chave: Psicopedagogia. Dificuldades de aprendizagem. Educação Básica.

Abstract: The aim of this study is to understand the challenges and processes that psicopedagogo faces at school to help students with learning difficulties. The methodology used was literature. Not all schools have the educational psychologist and the school that has this professional, gives you activities that include some challenges and processes in the school to meet these students and their families. Thus, the educational psychologist should be prepared to face these challenges and the teaching and learning processes with students who have learning difficulties, which despite being a problem at first, also brings an experience of this professional who will learn to dribble the challenges in school.

Keywords: Psychology. Learning Disabilities. Elementary School.

¹ Graduação em Educação, Especialização em Psicopedagogia pelo Centro Universitário de Araras "Dr. Edmundo Ulson" – UNAR, Araras, São Paulo, Brasil. 2016 E-mail do autor: elianatostes1982@hotmail.com. Orientador: Cíntia Borges Ribeiro.

² Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos - USP. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pelo Centro Universitário de Belas Artes de São Paulo. Docente no Centro Universitário Dr. Edmundo Ulson - UNAR. E-mail: melissabellan@gmail.com

³ Graduado em Educação Artística e Desenho pelo UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Especialista em Metodologia do Ensino superior pelo UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP.

⁴ Graduada em Letras pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Catanduva, Mestre em Linguística pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Diretora de graduação do UNAR Centro Universitário de Araras Dr. Edmundo Ulson, professora da Faculdade de Ciências e Letras de Catanduva.

1 Introdução

O assunto objeto deste estudo compreende os desafios e processos que o profissional psicopedagogo enfrenta nas escolas do ensino fundamental, sendo que, o ponto de vista sobre o assunto abordado é a trajetória que esse profissional percorre para atender alunos com dificuldades de aprendizagem, pois como salienta o autor Carvalho (2004), até o psicopedagogo ser inserido nas escolas, os alunos com dificuldades eram encaminhados a profissionais das mais diversas áreas de atuação.

Autores como Souza (2012), Santos (2009) ou Glat (2007) valorizam os conceitos sobre as dificuldades de aprendizagem enquanto que autores como Bossa (2002), Sena (2004), Gonçalves (2012) ou Sá (2013) explicam o que é psicopedagogia e como o psicopedagogo atua nas escolas, fazendo com que o aluno com dificuldades de aprendizagem tenham mais qualidade no ensino.

Este estudo tem como justificativa valorizar o profissional alvo da pesquisa, ou seja, o psicopedagogo. A escolha do tema, em conscientizar esse profissional dos desafios e processos a serem percorridos até sua total inserção nas escolas, é devido a problemática que muitas instituições escolares não tem esse profissional para ajudar os alunos bem como os pedagogos quando aparecem as primeiras dificuldades de aprendizagem.

Uma das hipóteses que mais se aplica neste estudo é a questão de se ter um psicopedagogo em todas as escolas, e dependendo do tamanho da escola, ou seja, quantidade de alunos, um psicopedagogo é pouco, deveria ser um incentivo do governo em abrir concursos para esse profissional.

Como já mencionado, o objetivo deste estudo é conhecer alguns desafios e alguns dos processos que o profissional em questão enfrenta na escola para assessorar os alunos com dificuldades de aprendizagem a encontrarem meios de conseguirem assimilar tudo o que é proposto na escola. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, coletando o material em livros e sites que focam o assunto, sobre a psicopedagogia.

A Psicopedagogia tem por objetivo estudar, compreender e intervir na aprendizagem humana. Intervir principalmente nos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem ou que estão relacionados com o fracasso escolar.

A criança tende a ir para a escola próximo dos 2 anos, mas muitas são matriculadas quando bebê, ou seja, com meses de vida. Vão tão cedo para a escola já que é o melhor lugar para ficar, na opinião de algumas famílias, enquanto estas trabalham.

Nos berçários existem profissionais qualificados para atender os bebês desde a troca da fralda, até dar carinho, pois essas crianças passaram horas na escola; quando vão para a educação infantil o caminho é o mesmo, pois são crianças pequenas e que precisam da ajuda de profissionais que as ensinem a se comportarem socialmente, como comer, lavar as mãos, escovar os dentes, brincar em grupo, e algumas atividades escolares, como desenhar ou pintar interagindo uma com as outras aprendendo a respeitar o outro cultivando valores.

Geralmente nessa fase a criança descobre letras, números, cores, aprende também a dividir brinquedos e até mesmo a atenção da professora. Logo em seguida são matriculados no

ensino fundamental, então surgem os primeiros “sintomas” que a criança tem dificuldade de aprender aquilo que a professora está dando como matéria.

Essas dificuldades comprometem tanto a própria criança, como as demais, pois a professora precisa dar uma atenção mais especial, ou deveria dar essa atenção, enquanto as outras ficam na espera para dar continuidade nas aulas. É difícil para a professora encarar uma sala de aula onde um aluno não consegue acompanhar como os outros. E daí surge a questão: o que fazer com esse aluno?

O correto, pelo menos, segundo a ciência ilustra, é que tenha um profissional especializado na escola para avaliar os problemas que a criança tem, e como melhorar a qualidade de ensino da mesma. Acontece que nem sempre tem na escola uma psicopedagoga.

E não tem por diversos motivos, que se traduzem em desafios e processos pelos quais essa profissional passa para atender uma clientela que não consegue aprender como os demais. Nesse sentido, é preciso entender o que são dificuldades de aprendizagem.

2 Hipóteses sobre as dificuldades de aprendizagem

Segundo Souza (2012) as teorias sobre as Dificuldades de Aprendizagem possuem três enfoques:

- 1) O enfoque no processo de informação tendo mais prevalência nas últimas décadas em Psicologia.
- 2) O enfoque interativo ou ecológico: no qual inclui uma visão analítica sobre os contextos familiares e escolares que contribuem de maneira exógena para o emburrecimento do estudante. A perspectiva sociocultural: evoluindo bem nos últimos cinco anos.
- 3) Enfoque neuropsicológico enfatizando os fatores psíquicos e cognitivos estudados cada vez mais tanto no Brasil como no exterior.

É muito relevante para compreender a importância multidisciplinar no campo das Dificuldades de Aprendizagem variando os métodos podemos conseguir alcançar os objetivos.

Segundo Castanho, o termo Dificuldade de Aprendizagem pode ser caracterizado por alterações no processo de desenvolvimento, no aprendizado da leitura, da escrita e do raciocínio lógico-matemático, pode estar ou não associadas a comprometimentos da linguagem oral.

Santos (2009) salienta que a grande preocupação de educadores, psicólogos, fonoaudiólogos e outros profissionais da área sempre foi saber como uma criança aprende, ou seja, como ela elabora seu pensamento, suas ideias, seu raciocínio lógico e principalmente como ela adquire a linguagem falada, lida e a escrita, e, a partir disso, compreender a razão pela qual alguns alunos, sem deficiência, apresentam dificuldades de aprendizagem e conseqüentemente insucesso escolar.

De acordo com Weiss & Cruz (s/d apud GLAT, 2007), o sujeito que está em processo de construção de seu conhecimento, seja em situação de aprendizagem formal ou informal, não é determinado somente pelo seu potencial cognitivo. Ele é o resultado da interação entre seu

aparelho biológico, suas estruturas psico-afetiva e psico-cognitiva, nas interações com o meio social no qual ele está inserido.

Para Piaget a aprendizagem depende do estágio de desenvolvimento atingido pelo sujeito, para Vygotsky, a aprendizagem favorece o desenvolvimento das funções mentais. Assim os educadores não devem deixar de perceber o sujeito em relação ao tempo e a cultura (SANTOS, 2009).

Jardim (2001) explica que as crianças com dificuldades de aprendizagem têm disfunções em habilidades necessárias para haver aprendizagem efetiva, apresentando problemas na compreensão da leitura, organização e retenção da informação e na interpretação de textos. Geralmente são lentas ao processar informações, apresentam estratégias pobres para escrever, problemas de organização espacial e muita distração o que acarreta dificuldade de comunicação e hábitos ineficientes de estudo.

Correia (2004) cita que há alunos que, devido às “desordens neurológicas” apresentam uma desorganização no momento da recepção, integração e expressão da informação, refletindo numa “discapacidade” para aprendizagem da leitura, da escrita e cálculo matemático, se não for amparados, apoiados por serviços de apoio especializados, abandonam a escola por causa de experiências de insucesso acadêmico.

Em “Os Idiomas do Aparente” de Alicia Fernandes, encontra-se a diferença entre fracasso escolar e dificuldade de aprendizagem. A autora define dificuldades de aprendizagem como uma situação “que provém de causas que se referem à estrutura individual da criança, tornando-se necessária uma intervenção psicopedagógica mais direcionada”

A autora afirma ainda:

Fracasso escolar afeta o aprender do sujeito em suas manifestações sem chegar a aprisionar a inteligência: muitas vezes surge do choque entre o aprendente e a instituição educativa que funciona de forma segregadora. Para entendê-lo e abordá-lo, devemos apelar para a situação promotora do bloqueio (FERNANDEZ, 2001, p.32).

Santos (2009) acredita que como consequência de sua dificuldade de aprendizagem, os alunos podem apresentar baixos níveis de autoestima e de autoconfiança, o que pode conduzir à falta de motivação, afastamento, crises de ansiedades e estresse e até mesmo depressão.

Para Santos (2009) a dificuldade que mais é encontrada na atualidade é a dislexia. Porém, é necessário estar atento a outros sérios problemas como: disgrafia, disortografia, discalculia, dislalia e o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), são as dificuldades que ocorrem com mais frequência nas salas de aula.

2.1 Dislexia

De (origem grega, da contração das palavras dis= difícil, prejudicada, e lexis= palavra). Ocorre um retardo e desordem para ler, escrever e soletrar. Portanto, dislexia é o impedimento que aparece na leitura, bloqueando o aluno de ser fluente, pois faz trocas e omissões de letras, inverte sílabas, apresenta leitura lenta, silabada, dá intervalos entre linhas ao ler um texto não

consegue dar continuidade na mesma linha, possui desorganização espacial etc. Estudiosos afirmam que suas causas têm origem de fatores genéticos, porém ainda nada foi comprovado pela medicina.

Ciasca (2005, p. 66), define dislexia:

Falha no processamento da habilidade da leitura e escrita durante o desenvolvimento. A dislexia como um atraso do desenvolvimento ou a diminuição em traduzir sons em símbolos gráficos e compreender qualquer material escrito é o mais incidente dos distúrbios específicos da aprendizagem, com cifras girando em torno a 15% da população com distúrbios da aprendizagem, sendo dividida em três tipos: visual, mediada pelo lóbulo occipital, fonológica mediada pelo lóbulo temporal, e mista com mediação das áreas frontal, occipital, temporal e pré-frontal

2.2 Disgrafia

Normalmente vem associada à dislexia, porque se o aluno faz trocas e inversão de letras consequentemente apresenta dificuldade na escrita. Além disso, está associada a letras mal traçadas e ilegíveis, letras muito próximas e desorganização ao produzir um texto. A habilidade de escrita está abaixo do nível esperado para idade cronológica, escolaridade e inteligência, associada ou não ao transtorno de leitura.

Segundo Ciasca (2005, p. 67), define como

Falha na aquisição da escrita; implica uma inabilidade ou diminuição no desenvolvimento da escrita. Atinge 5 a 10% da população escolar e pode ser dos seguintes tipos: disgrafia do pré-escolar: construção de frases: ortográfica e gramatical: caligrafia e espacialidade.

2.3 Disortografia

É a dificuldade da linguagem escrita e também pode acontecer como consequência da dislexia. É um quadro, muitas vezes, descrito como característico da disgrafia. Esse transtorno da escrita apresenta-se como uma persistência de trocas de natureza ortográfica (como ch por x, ou s por z, e viceversa), aglutinações (de repente/derepente, tem que/temque), fragmentações (em barçar); inversões (in/ni, es/se) e omissões (beijo/bejo), após a 2ª série do Ensino Fundamental ou equivalente. Estas alterações devem ser observadas com determinada frequência, e em vocabulário conhecido pelo aluno.

2.4 Discalculia

É a dificuldade em lidar com cálculos, numerais e quantidades, prejudicando as atividades de vida diária que envolve essas habilidades e conceitos. De acordo com o DSM (Manual de diagnóstico e Estatística de Doenças Mentais), em indivíduos com transtornos da Matemática, a capacidade para a realização de operações aritméticas, cálculo e raciocínio matemático encontra-se substancialmente inferior à média esperada para sua idade cronológica, capacidade intelectual e nível de escolaridade.

Discalculia é uma falha na aquisição da capacidade e na habilidade de lidar com conceitos e símbolos matemáticos. Basicamente, a dificuldade está no reconhecimento do número e do raciocínio matemático. Atinge de 5 a 6% da população com dificuldade de aprendizagem e envolve dificuldade na percepção, memória, abstração, leitura, funcionamento motor; combina atividades dos dois hemisférios.

Para Santos (2009) talvez a maioria das dificuldades não tenha causas orgânicas e não esteja relacionada às atividades cognitivas da criança, mas seja resultado de problemas educativos ou ambientais. Estratégias de ensino ineficientes podem prejudicar o nível de sucesso das crianças na realização de tarefas, gerando problemas como falta de autoconfiança e efeitos negativos sobre a aprendizagem comprometendo aspectos como a atenção, concentração, memória, coordenação motora e outros.

Entre tantas dificuldades de aprendizagem, as mais encontradas nas escolas são estas apresentadas, porém, somente após uma avaliação a psicopedagoga pode realmente sugerir o que fazer com a criança.

Como a profissional da psicopedagogia pode atuar nas escolas, em clínicas e empresas, quando aparece a dificuldade em aprender, sua avaliação será útil para saber se a criança com reforço escolar pode melhorar, ou se necessita da clínica psicopedagógica para melhorar seu desempenho escolar.

Dessa forma é interessante observar como e quando a psicopedagogia apareceu, mesmo porque segundo Sá (2013, p. 21), trata-se de uma crescente profissionalização na área, ou seja, “enquanto profissional, o psicopedagogo pode intervir em uma concepção eminentemente preventiva ou em uma abordagem terapêutica, clínica”.

2.5 A psicopedagogia e as práticas psicopedagógicas

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a formação da escola deve favorecer o desenvolvimento de capacidades, de modo que ocorra a compreensão e a mediação dos fenômenos sociais e culturais, assim como possibilitar aos alunos usufruir das manifestações culturais nacionais e universais (BRASIL, 1996).

Bossa (2002) se refere à escola explicando que na atualidade, apresenta-se como o principal espaço social para a identificação das “anormalidades” infantis, mesmo que sob o risco de ancorar-se uma concepção de criança ideal, construída ao longo da modernidade. Assim, a criança pode estar resistindo, com o seu sintoma, à excessiva normatização da escola, enquanto essa fracassa nas suas tentativas pedagógicas de remover o problema de aprendizagem, apelando, muitas vezes, aos especialistas em terapêuticas educativas na esperança de ver o fracasso reparado (SALVARI, DIA, 2006).

Todavia nos PCNs é possível observar que a educação básica precisa ter qualidade que a sociedade mereça como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais. Considerando os interesses reais dos alunos com a garantia de uma metodologia essencial para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (BRASIL, 1996).

No entanto, cabe ao campo educacional propiciar aos alunos diferentes vivências onde seja inserido cultura e valores sociopolíticos. Assumir-se como espaço social de construção dos significados éticos necessários e construtivos de toda e qualquer ação de cidadania (BRASIL, 1996).

Logo a educação básica tem assim a função de garantir condições para que o aluno construa instrumentos que o capacitem para um processo de educação permanente (BRASIL, 1996).

Para Colelo (2004) um aspecto muito importante no trabalho docente é o fato de que a seleção e a definição dos conteúdos são, em última instância, tarefas do professor. É ele quem tem pela frente determinados alunos, com suas características de origem social, vivendo num meio cultural determinado, com certas disposições e preparo para enfrentar o estudo. O trabalho pedagógico implica a preparação desses alunos para as atividades práticas - profissionais, políticas, culturais - e, para isso, o professor enfrenta duas questões centrais:

- Que conteúdos (conhecimentos, habilidades, valores) os alunos deverão adquirir a fim de que se tornem preparados e aptos para enfrentar as exigências objetivas da vida social, como a profissão, o exercício da cidadania, a criação e o usufruto da cultura e da arte, a produção de novos conhecimentos de acordo com interesses de classe, as lutas pela melhoria das condições de vida e de trabalho?

- Que métodos e procedimentos didático-pedagógicos são necessários para viabilizar o processo de transmissão-assimilação de conteúdos pelo qual são desenvolvidas as capacidades mentais e práticas dos alunos de modo a adquirirem métodos próprios de pensamento e ação, ou seja, a construção do conhecimento?

Conforme Colelo (2004) são três as fontes que o professor selecionará para os conteúdos do plano de ensino e organizar as suas aulas: a programação oficial na qual são fixados os conteúdos de cada matéria; os próprios conteúdos básicos das ciências transformadas em matérias de ensino; as exigências teóricas e práticas colocadas pela prática de vida dos alunos, tendo em vista o mundo do trabalho e a participação democrática na sociedade. Deve ocorrer a reflexão sobre o que se pretende com o ensino fundamental, sobre seu currículo como um todo e as expectativas que se tem a respeito dos alunos que terminam essa fase de escolarização; e sobre a realidade da escola e suas condições de trabalho para viabilizar as metas pretendidas. Quando o professor escolher e indicar conteúdos e procedimentos de ensino, suas escolhas estarão, pois, ancoradas num contexto mais amplo de desafios e problemas, bem como em concepções norteadoras.

Dentro desse contexto a escola tem uma equipe que compreende alguns cargos, como diretora, coordenadora, educadores, psicopedagogos, entre outros. Essa equipe tem a função de ensinar, o que significa transmitir informações aos alunos. E dentre esses alunos existem aqueles que tem dificuldades em aprender. Para esses, é preciso primeiro identificar a problemática sobre suas dificuldades, em seguida pedir auxílio ao psicopedagogo, e este deve orientar como transmitir o ensino aprendizagem a esses alunos.

Qual significado da psicopedagogia?

Carvalho (2004) explica que conceituar o objeto de estudo da Psicopedagogia não foi uma tarefa fácil para os pesquisadores da área, desde que esta categoria profissional começou a se organizar no Brasil, por volta dos anos 50 e 60, já que a falta de clareza a respeito de

problemas de aprendizagem fazia com que os alunos com dificuldades fossem encaminhados a profissionais das mais diversas áreas de atuação.

Segundo o Guia do Estudante (guiadoestudante.com.br) a psicopedagogia é:

É a área de estudo dos processos e das dificuldades de aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos. O psicopedagogo identifica as dificuldades e os transtornos que impedem o estudante de assimilar o conteúdo ensinado na escola. Para isso, faz uso de conhecimentos da pedagogia, da psicanálise, da psicologia e da antropologia. Analisa o comportamento do aluno, observando como ele aprende. Promove intervenções em caso de fracasso ou de evasão escolar. Além de trabalhar em escolas, pode atuar em hospitais, auxiliando os pacientes a manter contato com os conteúdos escolares. Pode trabalhar também em centros comunitários ou em consultório, público ou particular, orientando estudantes e seus familiares no processo de aprendizagem.

De acordo com Gonçalves (2012, p.42) “as relações com o conhecimento, a vinculação com a aprendizagem, as significações contidas no ato de aprender, são estudados pela

Psicopedagogia a fim de que possa contribuir para a análise e reformulação de práticas educativas e para a ressignificação de atitudes subjetivas”. Segundo portaleducacao.com.br

Qual o significado do psicopedagogo?

O Psicopedagogo é o profissional indicado para assessorar e esclarecer a escola a respeito de diversos aspectos do processo de ensino-aprendizagem e tem uma atuação preventiva. Na escola, a psicopedagoga poderá contribuir no esclarecimento de dificuldades de aprendizagem que não têm como causa apenas deficiências do aluno, mas que são consequências de problemas escolares, tais como:

- Organização da instituição
- Métodos de ensino
- Relação professor/aluno
- Linguagem do professor, dentre outros

Segundo Sena (2004, p. 102) “o papel da Psicopedagogia no planejamento escolar é refletir sobre as ações pedagógicas e suas interferências no processo de aprendizagem do aluno”.

Neste momento, devemos ter cuidado para que a reunião não se resuma à execução de situações ditas pedagógicas e pautadas na mera reprodução de encontros anteriores.

Ainda Sena (2004, p. 104) “é importante que fique claro que, ao avaliar, o professor não deve prestar atenção somente no aluno e sim na aprendizagem”. Para isso, ele não precisa necessariamente fazer uso de testes e provas. Mas das atividades de sala de aula como: trabalhos em grupo, exercícios, projetos e a observação do professor, podem revelar muito sobre a aprendizagem dos educandos, que as simples provas ou testes. Segundo portaleduka.com.br

2.6 Algumas práticas psicopedagógicas

Segundo Sena (2004) as escolas enfrentam um grande desafio: lidar com as dificuldades de aprendizagem e ao mesmo tempo traçar uma proposta de intervenção capaz de contribuir para a superação dos problemas de aprendizagem dos alunos. Dessa forma, defende-se a importância do Psicopedagogo Institucional, como um profissional qualificado, que se baseia principalmente na observação e análise profunda de uma situação concreta, no sentido de não apenas identificar possíveis perturbações no processo de aprendizagem, mas para promover orientações didático-metodológicas no espaço escolar de acordo com as características dos indivíduos e grupos. Segundo artigonal.com.br

De acordo com Santos (2009) a presença, em sala de aula, de crianças com características fora do padrão da classe é uma constante preocupação para os educadores. Quase sempre, trabalhar com essa criança é um desafio para o professor. Quando o aluno apresenta um rendimento abaixo da média da classe, o professor logo percebe. As ações para este fim são, hoje, bem divulgadas no ambiente escolar e há certo consenso de que esta criança precisa de um atendimento extra ou de estratégias de ensino especiais que favoreçam o seu desenvolvimento.

A prática docente pode, em muitos casos, contemplar atividades diferenciadas que, muitas vezes, transcendem os limites de uma sala de aula. Cabe ao educador definir metas e estratégias que poderão ser conjuntamente elaboradas com os educandos visando à qualificação do ensino e do aprendizado. Entende-se por prática educativa a forma de condução do ensino de um determinado tema. Os objetos utilizados para esse fim, quais as pessoas envolvidas e como se dará sua participação (até mesmo em que escala ela se dará) e quais os objetivos a serem alcançados são os elementos constitutivos da prática educativa (SANTOS, 2009, p. 20). Segundo senept.cefetmg.br

Segundo Martins (2004, p.46), “na concepção construtivista da aprendizagem escolar, esta é entendida como o processo de ampliação e de transformação dos esquemas de conhecimentos prévios do aluno devido à sua atividade mental construtiva”. Assim, para compreender melhor o processo ensino aprendizagem é preciso considerar relação que se estabelece entre o professor, o aluno e o conteúdo da aprendizagem.

Para Sena (2004) o papel da Psicopedagogia no planejamento escolar é refletir sobre as ações pedagógicas e suas interferências no processo de aprendizagem do aluno. Neste momento, devemos ter cuidado para que a reunião não se resuma à execução de situações ditas pedagógicas e pautadas na mera reprodução de encontros anteriores. É importante que fique claro que, ao avaliar, o professor não deve prestar atenção somente no aluno e sim na aprendizagem. Para isso, ele não precisa necessariamente fazer uso de testes e provas. Mas das atividades de sala de aula como: trabalhos em grupo, exercícios, projetos e a observação do professor, podem revelar muito sobre a aprendizagem dos educandos, que as simples provas ou testes.

Segundo Gonçalves (2012) o psicopedagogo pode atuar preventivamente junto aos professores da seguinte maneira: Explicitando sobre habilidades, conceitos e princípios para que ocorra a aprendizagem. Trabalhando com a formação continuada dos professores. Na reflexão sobre currículos e projetos junto com a coordenação pedagógica. Atuando junto com a família/alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, apoiado em uma visão holística, levando-o a aprender a lidar com seu próprio modelo de aprendizagem, considerando que esses problemas podem ser derivados: das suas estruturas cognitivas, de

suas questões emocionais, da sua resistência em lidar com o novo, ou outra derivação que possa se apresentar.

Segundo Bossa (2002), a presença de um psicopedagogo no contexto escolar é essencial, ou seja, ele tem muito que fazer na escola. A sua intervenção inclui: orientar os pais; auxiliar os educadores e conseqüentemente à toda comunidade aprendente; buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade); colaborar no desenvolvimento de projetos (oficinas psicopedagógicas); acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino; promover encontros socializadores entre corpo docente, discente, coordenadores, corpo administrativo e de apoio e dirigentes. Segundo portaleduka.com.br.

2.7 Os desafios e os processos do psicopedagogo

Só pelo fato de ser uma profissão que ainda não é obrigatória nas escolas, já é um desafio. E quando esse profissional consegue uma vaga numa escola, daí sim começam desafios e processos escolares.

Podemos citar alguns:

➤ A diversidade (desafio)

Segundo Sá (2013, p. 29) “diante da nova demanda que chega, a resposta à diversidade tem sido considerada por parte de professores e professoras como um problema que ultrapassa suas possibilidades e funções, pois exige a presença de novos profissionais nas escolas.”

➤ Ética (processo)

Conforme Sá (2013, p. 38) “a psicopedagogia é um campo de atuação que abrange, prioritariamente as áreas da saúde e educação, e o psicopedagogo deve atuar, como todo profissional, baseando todo seu procedimento dentro de princípios éticos e morais. Essas normas de atuação são estabelecidas pelo Código de Ética elaborado pelo Conselho Nacional da Associação Brasileira de Psicopedagogia e que tem por base as leis que regem a profissão.”

➤ Fracasso escolar (desafio)

Explica Sá (2013, p. 73) “que o fracasso escolar é um mistério. Quanta perplexidade causa nos professores, o fato de alguns alunos conseguirem avançar na aprendizagem e outros não. Professores se esforçam muito, na realidade acaba sendo uma “caixa preta” misteriosa. “Lá estão os alunos, na nossa frente, e tirando algumas expressões de interesse, perguntas e intervenções pertinentes, não temos a menor ideia de quanto cada um está evoluindo na construção dos conceitos”.

➤ Queixas das escolas (processo)

1ª queixa – nas turmas há sempre muitos alunos que não conseguem aprender.

2ª queixa – os alunos geralmente não se comportam bem na escola, não tem limites, não obedecem.

3ª queixa – os alunos não respondem com interesse às propostas que a escola se esforça em elaborar.

4ª queixa – é difícil avaliar a aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, explica Sá (2013, p. 87) que as queixas escolares são compartilhadas por todos que vivem, diretamente, o ambiente escolar. Elas chegam aos pedagogos, psicólogos, psicopedagogos.

Ainda Sá (2013, p. 87), “o psicopedagogo interfere então, os aspectos muito significativos que afetam as queixas escolares, e outras, como autoconhecimento (identidade), motivação, autocontrole (domínio das emoções), empatia, habilidades cognitivas, competências sociais.”segundo scribd.com

➤ Diálogos com professores e com as famílias (processo e desafio)

Sá (2013, p. 108) “finaliza explicando que a docência exige um trabalho constante consigo mesma, um trabalho de construção de uma postura, de um posicionamento como aprendente, que resultará em modos diversos de ensinar. Para a pergunta: como é que se faz para ser um bom ensinante? A resposta é: ser um bom aprendente.”

3 Considerações finais

Ensinar é uma tarefa para poucos, ou seja, é difícil, precisa ter aptidão para isso. E ensinar para quem tem dificuldade em aprender é muito mais complicado, precisando inclusive de ajuda de terceiros.

Esses terceiros, neste caso, são os psicopedagogos, que voltados para ajudar alunos com dificuldades de aprendizagem, estão ganhando território diferenciado na escola, ou seja, sua avaliação é muito importante, fazendo com que o aluno aprenda, mesmo que seja mais lento.

As práticas psicopedagógicas inseridas neste trabalho detalham com mais nitidez a real função do psicopedagogo, pois no referencial teórico foi possível entender a grandeza dessa profissão, enquanto auxiliador nas dificuldades de aprendizagem.

Desafios e processos serão sempre encontrados por todos os profissionais em qualquer área, acontece que na área da educação, a preocupação é maior, pois se o aluno não consegue aprender também não conseguirá ensinar um dia mais tarde, quando adulto exercendo suas atividades profissionais.

Dessa forma, o psicopedagogo é importante nas escolas, nas clínicas nas empresas, enfim, seu trabalho ajuda aquele que tem dificuldade em aprender, e também ajuda pedagogos, famílias e a própria escola a driblarem os desafios e processos que as dificuldades de aprendizagem apresentam no contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

___Dificuldade de Aprendizagem. Importância da Psicomotricidade nas dificuldades de aprendizagem. Publicado em 2010. Disponível em <<http://psicomotricidade.blogspot.com.br>> Acesso em: 16/03/2016.

___Dislexia. Definição Psicolinguística. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/dislexia>> Acesso em: 16/03/2016.

BARROS, Jussara De. “**Dificuldade de Aprendizagem**”. *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/educacao/dificuldades-aprendizagem.htm>>. Acesso em: 16/03/2016.

BOSSA, NA. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como Trata-las?** Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2002

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996

CIASCA, Sylvia Maria. - Distúrbio de Aprendizagem - Uma questão de Nomenclatura. **IN Revista SINPRO**. Rio de Janeiro. 2005.

COLELO, S. **Alfabetização em questão**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

CORREIA, Luís de Miranda. **Problematização das Dificuldades de Aprendizagem nas Necessidades Educativas Especiais**. IN Instituto de estudos da criança, universidade do Moinho, 2004.

EDUARDO, P. **Diferenças e Semelhanças entre Piaget e Vigotsky**. Publicado em 2013. Disponível em <<http://desafiodapsicopedagogia.blogspot.com.br/>> Acesso em: 16/03/2016.

FERNANDEZ, Alícia. **Os Idiomas do Aprendiz**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: 7 letras, 2007.

GONÇALVES, V.P.L. **O papel do psicopedagogo na instituição escolar**. Publicado em 2012. Disponível em <<http://www.colegiosantamaria.com.br/>> Acesso em 28/12/2015.

GUIA DO ESTUDANTE. **Psicopedagogia**. Publicado em 2012. Disponível em <<http://guiadoestudante.abril.com.br/>> Acesso em 28/12/2015.

JARDIM, Renata, S. R.; THIMÓTEO Patrícia; MORENO, Andréa, C. Boges. **Fundamentação Teórica: alfabetização e reabilitação dos distúrbios da leitura e escrita**. 3. Ed. Casa do Psicólogo, Livro 1, 2001.

MARTINS, Vicente. **Linguística Aplicada às Dificuldades de Aprendizagem relacionadas com a Linguagem: dislexia, disgrafia e disortografia.** S. P. Olho D'Água. 2004.

NASCIMENTO, F.D. **O Papel do Psicopedagogo na Instituição Escolar.** Publicado em 2013. Disponível em < <http://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar>> Acesso em: 16/03/2016.

QUEIROZ, J. F. **Suas Repercussões nas Relações Familiares da Criança com Atraso de Desenvolvimento por Prematuridade.** Publicado em 2006. Disponível em < <http://scielo.com.br/scielophp> > Acesso em: 16/03/2016.

ROSA, Eduarda. **Psicopedagoga Luciane Sperafico, explica sobre dificuldade de aprendizagem.** Publicado em 2012. Disponível em < <http://argumentandum.blogpost.com.br/> > Acesso em: 16/03/2016.

SÁ, MSMM. **Introdução à psicopedagogia.** Curitiba: IESDE Brasil, 2013.

SALVARI, LFC. DIAS, CMSB. **Os problemas de aprendizagem e o papel da família: uma análise a partir da clínica.** Estud. psicol. (Campinas) [online]. 2006 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?>. Acesso em: 03/01/2016.

SANTOS, Nilza Maria. **Problematização das dificuldades de aprendizagem.** Londrina: PDE: 2009. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2320-8.pdf>. Acesso em 12/02/2016.

SANTOS, ROSINEI Souza. **A Atuação do Psicopedagogo na Perspectiva do Lúdico para o Desenvolvimento de Alunos com Dificuldades de Aprendizagem.** Publicado em 2015. Disponível em < <http://meuartigobrasile scola.uol.com.br/educa%C3%A7%C3%A3o/>> Acesso em: 16/03/2016.

SENA, Clério Cezar Batista, CONCEIÇÃO, Luiz Mário da e VIEIRA, Mariza Cruz. **O educador reflexivo: registrando e refletindo.** Recife, Ed. Doxa - 2004.

SOUZA, Daniela. **Dificuldade de Aprendizagem.** Publicado em 2011. Disponível em < <http://aosmestresdaeducacao.blogpost.com.br/> > Acesso em 16 /03/ 2016.

SOUZA, MM. **Distúrbios e dificuldades de aprendizagem.** Publicado em 2012. Disponível em < <http://www.institutoconscienciago.com.br/> > Acesso em 07/01/2016.

WEISS, Alba Maria Lemme. E CRUZ, Mara Monteiro da. **Compreendendo os Alunos com Dificuldades e Distúrbios de Aprendizagem.** IN GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva e Cotidiano Escolar.** Rio de janeiro: 7 letras, 2007, cap. 4, p.88.